



<https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v11.954>

Resenha

A cruel pedagogia do vírus

The cruel pedagogy of the virus

Lidiane Natalicia Costa¹

Resumo

O objetivo do trabalho é apresentar a resenha do livro “A cruel pedagogia do vírus”, do sociólogo Boaventura de Sousa Santos, publicado em 2020 na conjuntura da Covid-19. Foi realizado o resumo descritivo dos capítulos e a análise sobre os potenciais conhecimentos que a pandemia propiciou para o enfrentamento da quarentena política, cultural e ideológica do capitalismo. Diante destas questões, constatou-se a relevância da obra para as pesquisas em Ciências Humanas, sobretudo para o entendimento das crises que foram perpetuadas durante muitas décadas e agudizadas no contexto pandêmico.

Palavras-Chave: Pandemia; capitalismo; crises.

Abstract

The objective of the work is to present the review of the book “The cruel pedagogy of the virus”, by the sociologist Boaventura de Sousa Santos, published in 2020 at the juncture of Covid-19. A descriptive summary of the chapters and an analysis of the potential knowledge that the pandemic provided to face the political, cultural and ideological quarantine of capitalism was carried out. Faced with these questions, the relevance of the work for research in Human Sciences was verified, especially for the understanding of the crises that were perpetuated for many decades and worsened in the pandemic context.

Keywords: Pandemic; capitalism; crises.

¹ Mestra em Tecnologias, Educação e Comunicação pela Universidade Federal de Uberlândia. Graduada em Serviço Social pelo Centro Universitário do Triângulo. Especialista em Trabalho Social com Famílias pela Faculdade Católica de Uberlândia. Tem experiência na área de educação, saúde e Direitos Humanos.

E-mail: lilinat10@yahoo.com.br

Diante da variedade de informações que circulam sobre a pandemia, ler o ensaio “A cruel pedagogia do vírus” produzido pelo professor e doutor em Sociologia, Boaventura de Sousa Santos, estimula-nos para um exercício de reflexão sobre o que é possível aprender em meio à crise pandêmica, sobretudo com relação ao sistema econômico predominante no mundo, “o capitalismo”. O livro faz parte da série especial “Pandemia Capital”, lançado no Brasil pela editora Boitempo, em formato de e-book.

Está organizado em 5 capítulos. O primeiro, intitulado: “Vírus: tudo o que é sólido se desfaz no ar”, foram categorizados potenciais conhecimentos que podem ser adquiridos durante a pandemia do coronavírus. Para Santos, “o mundo tem vivido em permanente estado de crise”, e as situações de “normalidade” não são facilmente notadas por grande parte da sociedade. Intencionalmente, essas conjunturas permanentes não são superadas porque são instrumentos de legitimação da concentração de riqueza, como ocorre frequentemente com os cortes nas políticas sociais (saúde, educação, previdência social) justificados pela crise financeira.

Destacou-se também a invisibilidade dos grupos mais vulneráveis com relação à tutela do Estado. Entretanto, mesmo reconhecendo que algumas classes sociais são mais atingidas em detrimento de outras, o autor defende que o vírus rompeu com o senso comum de que se pode comprar segurança. Logo, o mundo está nocivo para todas as pessoas e isso expõe a fragilidade dos humanos.

Discorreu ainda sobre a elasticidade social para o enfrentamento da pandemia com adoção de novas formas de organização do trabalho, consumo, lazer e convivência. Com isso, constatou-se que é possível uma sociabilidade diferente das formas propostas pelo hipercapitalismo. Neste contexto, embora os fins não justifiquem os meios, foi mencionada a diminuição da poluição atmosférica como ponto positivo da quarentena, provando para todos que existem maneiras de viver que são menos prejudiciais ao meio ambiente.

No segundo tópico, “a trágica transparência do vírus”, Santos discute sobre “o mercado”, um ser invisível, porém onipresente, do qual a forma de dominação ocorre por meio do capitalismo, colonialismo e patriarcado. Embora essa tríade da dominação não esteja visível aos olhos de muitas pessoas, as consequências são facilmente notadas na concentração de riqueza, extrema desigualdade social, destruição da vida do planeta e na eminente catástrofe ecológica.

Ainda nesse capítulo, o autor chama a atenção para o papel dos intelectuais que deixaram de mediar entre as ideologias e as necessidades dos cidadãos e adverte que, embora seja difícil, em razão da crise pandêmica, é necessário pensar a partir das inquietações dos cidadãos.

O terceiro tema, “a Sul da quarentena”, Santos retrata grupos que têm mais dificuldades para a realização da quarentena. Metaforicamente foram chamados de “Sul”, para referir a um espaço-tempo político, social e cultural, enfatizando o sofrimento humano causado pela exploração capitalista, discriminação racial e discriminação sexual (tão intensificadas no cenário pandêmico).

Neste contexto, foram relatadas situações de vulnerabilidades das mulheres, dos trabalhadores informais (ditos autônomos), das pessoas que trabalham ou moram nas ruas, dos sem-teto, dos moradores de periferias das cidades, favelas, barriadas, caniço; dos internados em campos para refugiados, dos imigrantes indocumentados ou das populações deslocadas internamente, das pessoas com deficiência, dos idosos, entre outros.

No quarto tópico, “a intensa pedagogia do vírus: as primeiras lições”, o autor elencou seis lições sobre a pandemia: 1- o tempo político e midiático condiciona o modo como a sociedade contemporânea se apercebe dos riscos que corre; 2- as pandemias não matam tão indiscriminadamente quanto se julga; 3- enquanto modelo social, o capitalismo não tem futuro; 4- a extrema direita e a direita hiperneoliberal ficam definitivamente descreditadas (espera-se); 5- o colonialismo e o patriarcado estão vivos e reforçam-se nos momentos de crise aguda; 6- o regresso do Estado e da comunidade.

Por fim, no quinto e último capítulo, o professor encerra o ensaio instigando o leitor a pensar no mundo pós-pandemia. Quando terminar a quarentena, pressupõe que os protestos e os saques voltarão como já estavam ocorrendo antes do surto da Covid-19, até porque a pobreza e a extrema pobreza podem aumentar. E a tendência é que a resposta estatal seja de repressão e articulação de estratégias para que os cidadãos se “habituem” ao novo normal.

Para não retomar a essa “normalidade”, Santos argumenta que a cidadania organizada (partidos políticos, movimentos e organizações sociais, mobilizações espontâneas de cidadãos e cidadãs) deve unir os processos políticos e os processos civilizatórios, pois as ideias predominantes do Norte global, desde a queda do muro

de Berlim, mantém os debates políticos atrelados à manutenção da (des)ordem capitalista e os debates civilizatórios fora dos processos políticos.

Para o professor, a sociedade esteve na quarentena política, cultural e ideológica de um capitalismo fechado e atrelado a discriminações raciais e sexuais nos últimos 40 anos. O isolamento (distanciamento) provocado pela pandemia é uma quarentena dentro de outra quarentena. É urgente suscitar alternativas ao modo de viver, de produzir, de consumir e de conviver. Caso contrário, não será possível evitar a irrupção de novas pandemias, que poderão ocorrer de formas mais graves e letais. Por conseguinte, a escolha do nome do capítulo demonstra sua intencionalidade: “o futuro pode começar hoje”!

A obra foi apresentada como um “embrião” pelo próprio autor no vídeo de divulgação do livro. No entanto, já foi possível identificar vários pontos de reflexões sobre o capitalismo e das suas consequências na vida humana, sobretudo no que diz respeito às pessoas mais vulneráveis. A expressão simbólica “quarentena ideológica do capitalismo” permite que o leitor rememore a “alegoria da caverna”, na qual a ausência de conhecimento manteve pessoas em sofrimentos e prisioneiras de suas próprias mentes por muitos anos (PLATÃO, 2019).

Como mencionado na segunda parte do livro, a pandemia irrompeu a luz do mercado que cegava todos os cidadãos. Se por um lado a sociedade, diante da permanente crise, seguiu desarticulada para pensar formas de sociabilidade que preservem o meio ambiente e garantam a continuidade da vida humana digna, por outro, à custa de cruéis lições, a pandemia pode ser um marco para libertação do ser humano das correntes do capitalismo. O entendimento que os sobreviventes terão dessa conjuntura poderá subsidiar uma virada epistemológica, cultural e ideológica.

Em suma, o ensaio proporciona um debate crítico e provocativo, pois além de apresentar argumentos que demonstram a inércia da sociedade com relação aos problemas sociais e econômicos antes do surto da Covid-19, chamou a atenção para pensar as possibilidades para o futuro pós-pandemia. Como já anunciado pelo próprio autor, certamente o trabalho não se limitará as 35 páginas da obra. Entretanto, as reflexões desenvolvidas são suficientes para constituir uma importante fonte de estudo para as Ciências Humanas.

Referências

PLATÃO. *O mito da caverna*. Tradução e notas Edson Bini. São Paulo. Edipro, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

Recebido em: 08/07/2020.
Aprovado em: 28/09/2020.
Publicado em: 03/11/2020.